



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

Religião e Política na Igreja Universal do Reino de Deus: um debate sobre o contexto pós eleições de 2022

Religion and Politics in the Universal Church of the Kingdom of God: a debate on the post-2022 election context

Bruna Nogueira Maia

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3007-4599>

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

E-mail: bruna.maia@ufv.br

Fabício Roberto Costa Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5522-6192>

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

E-mail: fabriciooliveira@ufv.br

Isadora Almendagna

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2469-7313>

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

E-mail: isadora.almendagna@ufv.br

Article Info:

Article history: Received 2024-07-29

Accepted 2024-08-06

Available online 2024-09-16

doi: 10.18540/revesv17iss1pp19395



Resumo. Este artigo analisa o posicionamento político da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) após as eleições presidenciais do ano de 2022. Nosso interesse pela pesquisa se justifica pelo fato da IURD ser uma instituição que se utiliza do pragmatismo como balizador para a formação de alianças políticas. Como fator inédito, a agremiação foi consistente apoiadora de Jair Bolsonaro, mesmo quando as pesquisas eleitorais apontavam a vitória de Lula e do Partido dos Trabalhadores (PT). Por se tratar de uma instituição que preza pela boa relação com dirigentes do Governo Federal, este estudo é pautado na indagação acerca do alinhamento político da IURD, visto sua incisiva campanha promovida contra o governo Lula (PT) no pleito eleitoral. O principal material empírico desta análise é o jornal Folha Universal, ferramenta de evangelização e informativo semanal da IURD. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que ambiciona capturar a abordagem do periódico nas manifestações bolsonaristas contrárias aos resultados eleitorais como os protestos em frente aos quartéis militares, o ato no feriado de Proclamação da República, a posse presidencial e as manifestações inconstitucionais em Brasília. Embora Bolsonaro não tenha sido eleito, os resultados eleitorais foram favoráveis para a eleição de diversos políticos ligados à

IURD. Os resultados demonstram que o conteúdo do jornal indica, de um lado, a necessidade de se respeitar o resultado eleitoral e, de outro, a continuidade das críticas à Lula e ao PT.

Palavras-chave: Eleições presidenciais. Igreja Universal. Religião. Política. Bolsonaro.

Abstract. This article analyzes the political positioning of the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) following the 2022 presidential elections. Our interest in this research stems from the UCKG's use of pragmatism as the central rule for granting political alliances. Notably, the UCKG consistently supported Jair Bolsonaro, even when electoral polls indicated a victory for Lula and the Workers' Party (WP). Given the UCKG's commitment to maintaining good relations with federal government leaders, this study questions the church's political alignment, especially considering its vehement campaign against Lula's government (WP) during the election. The primary empirical material for this analysis is the newspaper *Folha Universal*, the UCKG's weekly evangelization and informational tool. This is a qualitative study that aims to capture the newspaper's approach in pro-Bolsonaro manifestations against the election results, such as protests in front of military barracks, the act on the Proclamation of the Republic holiday, the presidential inauguration, and unconstitutional demonstrations in Brasília. Although Bolsonaro was not elected, the election results favored the election of several politicians associated with the UCKG. The findings reveal that the newspaper's content simultaneously emphasizes the need to respect the electoral outcome and continues to criticize Lula and the WP.

Keywords: Presidential elections. Universal Church. Religion. Politics. Bolsonaro.

1. Introdução

Este trabalho é um estudo de como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) se posicionou politicamente após as eleições presidenciais de 2022. Sabe-se que a IURD demonstrou apoio a Jair Bolsonaro, que foi derrotado naquela eleição (OLIVEIRA, JUNIOR; 2023). Não obstante, é uma instituição que preza por boas relações com dirigentes do governo federal. Diante desse cenário emergiu nossa questão de pesquisa: como a IURD teria se posicionado em relação a Lula e ao PT (Partido dos Trabalhadores) no período pós eleições de 2022?

Desde sua fundação em 1977, a IURD é uma instituição religiosa neopentecostal¹ que se expandiu por todo território nacional, chegando a se consagrar como a terceira maior denominação brasileira desse segmento religioso (IBGE, 2010). Dentre outras instituições evangélicas, seu diferencial está pautado na propagação de eficácia na salvação dos fiéis na luta de exorcismo contra o demônio, além da utilização exacerbada da mídia — jornal, rádio, canal televisivo e internet (JARDIM, 2016; MARTINS, 2024)

Sob a liderança de Edir Macedo, a agremiação é reconhecida pela inserção exitosa no âmbito político eleitoral com o modelo de “candidaturas oficiais” como forma

¹As denominadas igrejas neopentecostais originam-se na terceira vertente do movimento pentecostal e se caracterizam pelos traços sectários e a forte tendência de adaptação ao mundo secular. Como demonstra Mariano (2014), algumas das significativas alterações no padrão de comportamento destes agentes com a sociedade é o envolvimento na política partidária e o intenso uso dos meios midiáticos, antes condenados pela tradicional religião pentecostal.

de representação religiosa na esfera pública (MARIANO, 2014). De longa data, a estratégia da IURD é a de se alinhar a campanhas políticas com forte potencial elegível e como forma de atuação, “o pragmatismo foi sempre regra central (...) para suas alianças, terminando por caracterizar essa prática por uma lógica adesista e de carência de balizas programáticas” (CAMURÇA, 2020; p. 53).

A Universal que já foi aliada de Lula (PT) e Dilma Rousseff (PT) por sucessivos mandatos – 2002, 2006, 2010 e 2014, desde o clima de tensão social que cresceu com a crise política brasileira, com ápice nas eleições de 2018, debruçada sobre a ascensão de novos atores que emergem da direita política (CARRANZA, 2020), a instituição apoiou a candidatura de Jair Bolsonaro (OLIVEIRA, MARTINS, 2021).

Todavia, em 2022, a IURD intensificou seu apoio e promoveu incisiva campanha política através do jornal Folha Universal contra o petista. De caráter contínuo, esse apoio não arrefeceu quando as pesquisas indicavam a derrota de Bolsonaro ou quando o mesmo saiu em desvantagem no primeiro turno, emergindo uma nova conduta da instituição em contexto eleitoral (OLIVEIRA, JUNIOR; 2023).

Embora nos últimos anos a IURD tenha consolidado perfil conservador à direita política, com a derrota de Bolsonaro (PL) para Lula (PT), o principal rival político da IURD nas duas últimas campanhas eleitorais – com 49,10% contra 50,90% dos votos válidos —, Edir Macedo, a liderança da Universal, usou de sua própria rede social para referir-se ao perdão e tranquilizar aos fiéis em relação à vitória do petista.

Dado o histórico político da instituição, o comportamento do bispo sucedeu especulações por parte da imprensa secular acerca dos rumos da IURD com a esquerda. Na Revista Veja, visando possíveis inclinações para a reconciliação entre a Igreja e Lula, constatou-se a “boa vontade” de Macedo, dirigente da: “maior denominação evangélica do país, [que] passou os últimos anos atacando o PT e defendendo Jair Bolsonaro, (...) não acha o apocalipse a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República”².

No portal online, Jornalistas Livres, lia-se: “apoiador ferrenho de Bolsonaro durante toda sua campanha, Edir Macedo agora declara que Lula foi eleito por “escolha divina”³. Para a Folha de São Paulo, “nos bastidores do poder evangélico, a adesão da Universal à candidatura vencedora, fosse a que fosse, era favas contadas. Macedo se alinhou a todos os presidentes desde Fernando Collor”⁴.

Desse modo, a vista do alinhamento a diferentes ideologias políticas ao longo de campanhas eleitorais, bem como a intensa campanha política no pleito de 2022, o objetivo desta pesquisa é verificar, de que maneira, a IURD continuou a debruçar-se no período pós eleitoral sobre argumentos que foram essenciais para a promoção de Bolsonaro. Como fator inédito, a instituição teria realizado campanha política aberta a um candidato não eleito. Através do jornal Folha Universal, que tem importante papel de “porta voz” de lideranças da IURD, a análise procura examinar o posicionamento da agremiação frente ao Governo de Lula.

²VEJA. A Igreja Universal está cheia de boa vontade com Lula. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/a-igreja-universal-esta-cheia-de-boa-vontade-com-lula>>. Acesso em: 05 de dez. de 2023.

³CAPRIGLIONE, L. Edir Macedo e a Universal agora dizem que Lula foi “escolha divina”. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/edir-macedo-e-a-universal-agora-dizem-que-lula-foi-escolha-divina/>>. Acesso em: 05 de dez. de 2023.

⁴Bispo Edir Macedo agora fala em perdoar Lula, eleito por “vontade de Deus” - 03/11/2022 - Poder - Folha. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/11/bispo-edir-macedo-agora-fala-em-perdoar-lula-eleito-por-vontade-de-deus.shtml>>. Acesso em: 05 de dez. de 2023.

A IURD e as eleições no Brasil

A IURD é uma denominação religiosa que faz parte das chamadas igrejas neopentecostais e desde o período de redemocratização do país, nos anos de 1980, as instituições desta categoria têm significativa presença na esfera pública e se destacam pela efetiva estratégia de articulação e capacidade de eleger representantes para casas legislativas (MARIANO, 2014; LACERDA, 2020).

Em termos globais, o pentecostalismo brasileiro tem um corporativismo eleitoral bem-sucedido e sua particularidade pode ser atribuída à capacidade de convencer adeptos a voltarem em determinados candidatos políticos em meio ao sistema eleitoral de representação proporcional (FREESTON; 2020). Entre as denominações religiosas brasileiras, a IURD é o caso mais sucedido de representação corporativa religiosa e é responsável por boa parte do êxito eleitoral dos evangélicos (LACERDA, 2022, p.310).

Reconhecida pela aderência em campanhas políticas, a Universal já transitou por diversas linhas ideológicas, inclusive à esquerda e ao Partido dos Trabalhadores (PT), em momentos oportunos (CAMPOS, VIANA, 2023). Nas eleições presidenciais de 1986, a IURD apoiou Fernando Collor do PRN (Partido Renovação Democrática) e em 1994 e 1998, Fernando Henrique Cardoso do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), com fortes campanhas de demonização de Lula. A partir do pleito eleitoral de 2002, o apoio da Igreja se consolidou da coalizão entre o PT e o PL (Partido Liberal), legenda que mantinha forte aproximação com a IURD⁵. Através da candidatura de José de Alencar (PL) para a vice-liderança, Lula e o PT deixaram de representar as forças do mal e em nova conotação, foram transformados em éticos, oriundos do povo e comprometidos com as causas sociais (OLIVEIRA, MARTINS, 2021).

Já em 2006, Lula e o PT se consolidaram como importantes figuras representativas no desenvolvimento de políticas sociais e êxito econômico. No mesmo sentido, a agremiação apoiou Dilma Rousseff em 2010 e 2014, embora com mais afinco em 2010 do que em 2014 (JARDIM, 2016). Para além da mobilização através da mídia iurdiana, a instituição também teve participação no governo do PT quando Marcelo Crivella (PRB), político de grande aproximação com a liderança da Universal, ocupou o cargo de Ministro da Pesca e Agricultura – de 2012 a 2014⁶ (MARTINS 2024).

No entanto, dado o cenário de crise política e o declínio da esquerda com *Impeachment* da presidente Dilma em 2016, embalado por um novo cenário político

⁵ Até a consolidação do Partido Republicano Brasileiro (PRB), em 2006, o Partido Liberal (PL) era a legenda de maior aproximação com a IURD, dada a parcela significativa de bispos licenciados pela igreja com filiação no partido. O fim dessa aliança aconteceu em 2005, com a eclosão do Mensalão, onde o PL foi citado como um dos principais envolvidos. A partir disso, com o elevado número de representantes inseridos no PRB, dando a IURD expressivo controle nas decisões do partido, a legenda passou a ser intitulada como “braço político da Universal”. Em 2019, com objetivos de se alinhar à direita política, o PRB passou por mudança em sua nomenclatura, se estabelecendo na política partidária como Republicanos (CERQUEIRA, 2021).

⁶ Marcelo Crivella é um político ligado à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) por ser filiado ao Republicanos e sobrinho de Edir Macedo, o líder e fundador da IURD. Existem evidências de que, para além de afinidades religiosas, o político já tenha se utilizado da agremiação para propagar campanha política (PRANDI, SANTOS, BONATO, 2019).

que emerge do setor conservador (BURITY, 2018; ALMEIDA, 2020; CARRANZA, 2020), principalmente durante o período de campanha política em 2018, a IURD teria deixado de apoiar o governo do PT e o jornal teria sido estritamente alinhado à direita política a serviço da desmoralização da esquerda, tendo como argumentos principais a defesa da família tradicional e a renovação da velha política (PAULA; 2022).

Traços importantes do distanciamento da agremiação com o PT é o posicionamento do PRB (Partido Republicano Brasileiro), o “braço político da Universal” (MARIANO, 2014; CERQUEIRA, 2020; LACERDA, 2022), a favor do impeachment de Dilma, assim como o convite ao político ligado à cúpula iurdiana, Marcos Pereira, para integrar a base do Governo Temer – gestão sucessora do impeachment. O alinhamento da Igreja em 2018 com as pautas que emergem da campanha de Jair Bolsonaro e a declaração de voto de Edir Macedo ao candidato nas vésperas do primeiro turno daquela eleição, consolidaram o vínculo da instituição com a direita política.

Paula (2022) demonstra que durante a campanha presidencial de 2018, Bolsonaro (PSL) protagonizou ser o principal candidato conservador pautado pela moral cristã. Entretanto, em um primeiro momento da disputa, a Universal e o PRB declararam apoio a Geraldo Alckmin (PSDB). A confirmação do alinhamento a Bolsonaro e o voto enunciado de Macedo ao candidato ocorreram apenas dias antes do primeiro turno de votações, no momento em que as pesquisas apontavam um segundo turno entre Bolsonaro (PSL) e o petista Fernando Haddad.

Por ser casado com uma evangélica batista e dispor de características simpatizantes com os religiosos, Bolsonaro teria abraçado as pautas emergentes da direita, principalmente as de costumes conservadores do evangélicos e “com um discurso contra a corrupção da “velha política”, e em defesa da Pátria e da família cristã, consolidou-se como principal opção ao antipetismo” (OLIVEIRA, MARTINS, 2021, p. 242).

Durante o primeiro turno, sem qualquer menção direta a Bolsonaro, a IURD alinhou afinidades entre os posicionamentos do semanário “Folha Universal” com o presidenciável. No segundo turno, com o voto já declarado de Edir Macedo, os canais midiáticos da instituição teriam sido politicamente ativos na disseminação da campanha política (OLIVEIRA, MARTINS, 2021). Naquele contexto, embora a Record, a emissora televisiva da Universal, tenha realizado grande cobertura jornalística da disputa eleitoral, foi ao jornal Folha Universal e o site oficial da IURD que ensatizaram às temáticas centrais do bolsonarismo, reforçando a predileção pela eleição do candidato de direita (PAULA, 2022).

Já em 2022, de forma pujante, as críticas se acentuaram na defesa da demonização de Lula, do Partido dos Trabalhadores e dos ideais progressistas. Neste periódico, a mídia iurdiana passou a atuar incisivamente no apoio a Jair Bolsonaro, mesmo quando as pesquisas eleitorais apontavam a derrota do candidato. Para além de promover o Bolsonaro, a principal intenção da “Folha Universal” era a de segregar publicamente a relação da IURD com a esquerda política. Neste período, o periódico dedicou ao menos uma seção em todas as edições do período eleitoral para abordar temáticas que contribuíssem por desmoralizar Lula e a esquerda (OLIVEIRA, JUNIOR; 2023).

Em paridade com o bolsonarismo, a lógica iurdiana era a necessidade de combater a esquerda, o petismo e o comunismo como um dever moral de defesa da família tradicional cristã. Através do jornal, a Universal os consagrou como inimigos a

serem extirpados da sociedade, onde se delineou uma narrativa entre o “certo” e o “errado” e para além de um canal de apoio político, o periódico foi concebido como ferramenta de luta ideológica, nas quais se estabeleceu um “cordão sanitário” para traçar compatibilidades entre a fé cristã e a esquerda (ALMENDAGNA, OLIVEIRA, LEITE, 2023, p. 159).

Lacerda (2020; 268) aponta que mesmo com poucas avaliações concretas de como se deu o alinhamento evangélico em torno da candidatura de Bolsonaro e a relação entre o apoio dos líderes das igrejas e o voto dos eleitores, análises feitas com dados de 2017 da *Americas Barometer* – periódico por meio de levantamento de dados realizado pelo Latin American Public Opinion Project que abrange 34 países no Hemisfério Ocidental – sugerem que a rejeição dos eleitores evangélicos ao PT era anterior à eleição de 2018. Sob forte polarização, pode ser observado um estratégico alinhamento de instituições religiosas concomitante ao crescimento do bolsonarismo. No cenário político, o sentido antiesquerda ganhou força discursiva, passando a protagonizar discussões e funcionou como mecanismo para que agremiações como a IURD se beneficiassem da moral como ferramenta de força combativa aos ideais progressistas, que nas eleições foram caracterizados pela figura do Lula e do PT.

Para Cunha (2020, p. 250), além de benéfico a instituições religiosas, essa prática foi bastante proveitosa para atores que emergem em meio à crise política brasileira. A estratégia de tornar-se ADEs – Aliados dos Evangélicos – viabilizou vistas ao alcance e manutenção do poder. Com a instrumentalização da vinculação e/ou simpatia religiosa, este recurso foi circunstancialmente utilizado como conexão a uma base aquecida e fidelizada, permitindo ganhos diversos e ambilateral aos muitos atores envolvidos como os católicos carismáticos organizados, evangélicos pentecostais, neopentecostais e batistas renovados, assim como o próprio Bolsonaro e partidos políticos a ele correlacionados.

Por objetivar expansão na política partidária, os setores religiosos se utilizam do discurso através das mídias como ferramenta para mobilizar a massa eleitoral que passa a desempenhar importante papel enquanto eleitorado, dada a função ideológica da religião na construção do mundo social (OLIVEIRA, MARTINS 2021). Por meio do jogo de interesses, líderes de grandes agremiações usufruem do poder que lhes é atribuído para interferir na opinião pública, fazendo das instituições religiosas reservas morais a ser e negociada nas diversas linhas ideológicas pelos que disputam lideranças políticas (SOUZA, MAGALHÃES, 2002).

De forma a atender suas próprias demandas institucionais, a IURD possui relevante quadro de representantes inseridos na política partidária e através do partido Republicanos, visa a constante necessidade de aproximação com grupos eleitos para firmar alianças políticas. De longa data, a estratégia da Universal é a de apoiar candidatos que se declaram comprometidos com o “povo de Deus” e através dos recursos midiáticos, adentra a política partidária que passa a exercer um sentido quase-religioso, pois se manifesta como gesto de exorcismo do demônio que se encontra na política e de sua libertação (ORO, 2003, p. 58).

Camurça (2020, p. 53) demonstra que diferentes conjunturas político-sociais levaram as lideranças iurdianas a uma flexibilidade materializada na prática de alianças políticas como forma de atuação e comportamento. Para se beneficiar em função de suas demandas religiosas e institucionais, o critério político da IURD foi o de aderir candidaturas com expressivo potencial elegível, onde foi possível contribuir

enquanto “minoria”, todavia engajada para contribuir na vitória de governos centrais e em projetos nacionais de poder.

Desde as últimas eleições presidenciais, a IURD teria assumido posição emblemática de direita política ao aderir massivamente o movimento empregado pelo candidato Bolsonaro. Em consonância com a política oriunda de 2018, a propagação do pânico moral⁷ como ferramenta política teve como principal estratégia a narrativa de que ataques à instituição família e aos valores morais eram consequência dos governos do PT, responsável pela crise moral do Brasil. A vista disso, a figura diabólica foi associada à esquerda como causadora de deturpação, culpabilizada por disseminar “ideologia de gênero”⁸ e sexualizar crianças, propagar a legalização do aborto e das drogas, todas em decorrência da tentativa de implantação do comunismo (PAULA; 2022).

Por essas vias, a moralidade pública (MARIANO, 2014) somada à forte polarização que se intensificou com o impeachment de Dilma Rousseff, as forças econômicas liberais, o militarismo e simpatizantes do movimento nacionalista foram responsáveis pela articulação de uma coligação que, com o apoio da propagação de notícias falsas e sensacionalistas, se mostrou eficiente por conseguir eleger Bolsonaro e ainda em 2022, manter o bolsonarismo como a principal oposição petista na política partidária brasileira. A virtude de captar os evangélicos oferecendo um canal de expressão as temerosas ameaças à família e aos valores tradicionais foram eficazes por fazer-se em oposição a uma fragilidade social de parte considerável da sociedade que temia a movimentos como o feminista, o LGBTQIAPN+ e de legalização das drogas (CAMPOS, 2020, p. 366).

Dessa maneira, vinculado a outros segmentos sociais, o setor religioso foi responsável por contribuir massivamente com o processo simbólico de construção do político Bolsonaro, que embora se declarasse católico, passou a representar a personificação daquilo que o setor pentecostal avaliou, dentro da capacidade humana, de ideal, o “homem de Deus”. Como dispositivo nessa guerra quase espiritual traçada pela mídia iurdiana, a capitalização do medo e a disseminação do pânico ao PT, naquele momento em que o Brasil se encontrava dividido em dois extremos políticos, foram capazes de mobilizar grande massa de fiéis formando potencial eleitorado para campanhas políticas.

Há alguns anos a adoção de “candidaturas oficiais” por parte de igrejas neopentecostais faz crescente o número de deputados evangélicos eleitos no Brasil (LACERDA, 2020, p. 260). Nas últimas eleições, atrelado a este fator, atores debruçados na discursiva moral como principal ferramenta política passaram a integrar um movimento abrangente e responsável por eleger uma forte Frente Parlamentar Evangélica, com 181 deputados e 8 senadores⁹. Logo, considera-se

⁷ O conceito de pânico moral refere-se ao medo generalizado da representação simbólica da ameaça aos valores tidos como sociais. É uma prática majoritariamente difundida por canais midiáticos, políticos e atores sociais que objetivam instrumentalizar o pânico para promover maior controle social (FRAGA, 2021).

⁸ A terminologia “ideologia de gênero” provém de um conjunto de ideias, valores e princípios que fundamentam a visão de mundo de determinados grupos sociais, sobretudo a comunidade conservadora, e tem como propósito referenciar de forma pejorativa políticas como de educação sexual, direitos femininos e LGBTQIAPN+, que representam a inclusão social de comunidades consideradas como causadoras de deturpação da estrutura familiar tradicional (NÓBREGA, 2021).

⁹ TELES, L. Bancada evangélica no Congresso tem 189 parlamentares e já alcança 80% dos partidos. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/05/22/bancada-evangelica-ja-alcanca-80-dos-partidos.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

habilidosa a estratégia religiosa acerca de Bolsonaro ao promover o político como forma de oposição ao PT e a ideologia de esquerda, visto o expressivo protagonismo que estes agentes passaram a viabilizar nas pautas sociais.

2. Metodologia de pesquisa

O principal material empírico desta pesquisa é o jornal Folha Universal. A escolha se justifica por representar um órgão oficial de disseminação de posicionamento da IURD em relação aos eventos semanais. Além disso, se trata de um jornal de fácil acesso, disponibilizado semanalmente de forma impressa e gratuita nos templos da própria instituição por todo território nacional, sendo possível também acessá-lo em sua versão online, através do site Calaméo¹⁰, onde se constitui um acervo completo das edições recentes até as mais antigas do jornal.

Criado no Rio de Janeiro, em 1992, a “Folha Universal” é denominada a mais importante ferramenta de evangelização da agremiação¹¹, bem como é hoje um dos maiores jornais impressos em circulação no país, com tiragem semanal de aproximadamente um milhão e novecentos mil cópias¹². Estruturados com 30 páginas, o semanário assume a função de “porta-voz” onde a IURD costuma expressar concepções para além da esfera religiosa e os conteúdos abordam temáticas diversas como eventos semanais, prestação de trabalho cívico, pautas sociais e em períodos eleitorais, acentua-se sobre a política partidária, formando um canal de disseminação dos posicionamentos de lideranças da Igreja.

Classificado como mídia das fontes, a Folha Universal se configura como jornalismo do tipo religioso e como demonstra Sant’anna (2008), este se caracteriza por desempenhar o papel de fonte de informação. Gerenciados por atores sociais, o objetivo deste tipo de canal midiático é viabilizar reivindicações e pacotes interpretativos de determinados grupos de interesse e sua finalidade consiste em interferir na opinião pública por meio do agendamento midiático e da comunicação direta com o coletivo (PAULA, 2022).

Nesse sentido, o jornal iurdiano é constantemente usado na mobilização de recursos simbólicos que atuam na propagação dos interesses religiosos e institucionais da Igreja. Além disso, diferente de outros meios de comunicação que são perpassados por relações comerciais, como a rede televisiva Record, a “Folha Universal” é custeada em sua totalidade pela agremiação, estabelecendo maior autonomia aos conteúdos publicados (PAULA, 2022).

Por se tratar de um estudo de natureza qualitativa e ambicionar ter um panorama das manifestações políticas no período após a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, a pesquisa trata de cobrir os três primeiros meses do período pós-eleitoral. Contemplando 13 edições que abrangem o período de novembro de 2022 até o final de janeiro de 2023¹³, a delimitação do tempo se justifica

¹⁰ Universal. Disponível em: <<https://www.calameo.com/accounts/724797>>. Acesso em: 29 de jan. 2024.

¹¹Cf. “A nobre missão da Igreja Universal”. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/a-nobre-missao-da-folha-universal/>. Acesso em: 04 mar. 2024.

¹²ONARA, Núbia. Seja assinante da Folha Universal. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/seja-assinante-da-folha-universal/>>. Acesso em: 1 mar. 2024.

¹³As edições seguem ordem cronológica de 1595 a 1607, publicadas no período de 06 de novembro de 2022 a 04 de fevereiro de 2023.

pela tentativa de capturar as dimensões de manifestações contrárias aos resultados eleitorais, como os protestos dos apoiadores de Bolsonaro em frente aos quartéis, o ato nas ruas no feriado de Proclamação da República, a posse do presidencial de Lula e as manifestações de Brasília, em 08 de janeiro.

Nossa pesquisa parte de uma análise documental e como define Richardson (1985), consiste em conjunto de operações que visam descobrir circunstâncias sociais com as quais podem estar relacionados os conteúdos estudados. Portanto, trata-se da tentativa de representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original por intermédio de procedimentos de transformação (BARDIN, 2016, p. 26). Por esse bojo, o objetivo é demonstrar os argumentos empregados nos jornais e as possíveis continuidades nas relações da Igreja com a política partidária após a derrota de Jair Bolsonaro.

No que se refere à estrutura do jornal, o segmento que maior contempla a pesquisa é a seção “Editorial”, que por vezes dá lugar à seção “Ponto de Vista”. De costume, esse é o espaço onde o periódico dedicou majoritariamente as manifestações políticas tanto no período eleitoral, quanto fora dele. No entanto, após a análise, foram constatadas a presença de temáticas que outrora foram instrumentalizadas na campanha de Bolsonaro em algumas das seções “Panorama” e “Capa”¹⁴ e estas também foram acrescentadas à discussão.

Não havendo autoria em todas as reportagens presentes no jornal, o melhor método encontrado para referência dos conteúdos foi através dos seguintes recursos: número da edição, data de publicação e a paginação da seção. Todos os jornais analisados foram consultados de forma virtual através da página da Universal na plataforma Calaméo.

Por as temáticas relacionadas à política aparecerem distribuídas desigualmente em 9 dos 13 jornais analisados, a nível de consulta, foi criado um quadro demonstrativo com o ordenamento das edições que se encontra ao final do texto, no apêndice.

3. O pós-eleitoral no jornal Folha Universal

Nas últimas eleições, a “Folha Universal” se consolidou como importante ferramenta de disseminação de posicionamentos políticos da IURD e o alinhamento ao bolsonarismo criou um notório aumento de abordagens equiparadas à conduta da direita política (OLIVEIRA, JUNIOR; 2023).

Com o final do processo eleitoral marcado por manifestações contrárias aos resultados presidenciais, a adesão de fiéis de diferentes segmentos religiosos tiveram a influência de figuras públicas, empresários e lideranças religiosas e foram motivadas pelo sentido antipetista/antiesquerdista que contestavam todo aparato legal que teria recolocado Lula no poder. No jornal, concomitante à crescente dos atos nas ruas, algumas temáticas foram essências para a manutenção de assuntos políticos, tais como a forte polarização, a esquerda, as pressupostas fraudes eleitorais e a mídia secular, preservando no semanário sua posição de direita política, principalmente na defesa dos princípios conservadores.

Entretanto, mediante ao contexto de conflito ideológico que atuou por todo o período de campanha eleitoral, as rápidas reações de lideranças iurdianas ao governo Lula, como declarações de Edir Macedo e o posicionamento do Republicanos, somadas aos acontecimentos deste período e os conteúdos da “Folha Universal”,

¹⁴ A seção “Capa” é uma extensão explicativa das notícias que ocupam as manchetes dos jornais.

tornam-se uma conjunção relevante para a análise por apresentarem peculiaridades em relação a conduta da IURD, abrindo discussões acerca de seus rumos políticos.

Cabe salientar que essa associação de acontecimentos é importante pois a instituição tem sempre bem delineado seu posicionamento em relação a manifestações políticas, assim como, seguindo a própria lógica de hierarquia institucionalizada pela agremiação (MARIANO, 2014), a conduta do periódico tradicionalmente é paralela a de lideranças da Igreja e do Partido Republicanos, dada as fortes ligações da legenda com a IURD (CERQUEIRA, 2020).

Com a derrota de Bolsonaro, o principal candidato de apoio da instituição, a “Folha Universal” logo retratou a escolha de Lula e do PT para o executivo como perplexa. A indignação com os resultados eleitorais se justifica por representar parcela significativa da população — 58 milhões de eleitores. Ainda que o jornal argumente ter sido feita a vontade de Deus, não deixa de hesitar os resultados presidenciais e o desconhecimento brasileiro com a verdadeira intenção ideológica político partidária da esquerda. Lia-se: “As intenções da esquerda nunca foram segredo, pelo contrário, todos as ouviram em alto e bom tom, mas parece que muitas pessoas não acreditam ou são preguiçosas para pesquisar e confirmar e acusam quem as conhece de ser alarmista” (1595¹⁵).

Contudo, mesmo com a reação negativa do periódico para com a escolha do executivo, onde se referia às eleições como “conturbadas”, contribuindo com o tema emergente do próprio bolsonarismo em insinuar a certa “desordem” no processo eleitoral (1595¹⁶), o líder da IURD, Edir Macedo, em publicação na própria rede social a apenas três dias após o segundo turno das eleições, usou de linguagem tática para retratar a necessidade do perdão e mencionou a vitória de Lula como “escolha divina”¹⁷.

Por meio de vídeo intitulado “PERDOE, BRASIL, PARA QUE SEJA PERDOADO”, apesar de alegar oração pela reeleição de Bolsonaro, o religioso afirmou ter clamado por ser feita a vontade de Deus. Orientando os fiéis a seguirem em frente, Macedo pontuou: “Ele [Lula] supostamente ganhou segundo a vontade de Deus. Mas quem ganhou fomos todos nós. Todos os que creem, todos que vivem pela fé. (...) Deus fez a vontade dele! Eu pedi para ele fazer a vontade dele e ele fez! Graças a Deus”. O Bispo, reforçou o sentido bíblico de perdoar e não guardar mágoas do petista: “(...) vamos olhar para a frente. O diabo quer que o Brasil fique com ódio do Lula, mas ele ganhou e acabou”.

Macedo, que já prezou por boas relações com o Lula durante os mandatos do PT, desde o pleito 2018, estava ao lado de Bolsonaro (PL) e promoveu massiva campanha de desmoralização do petista. Dessa forma, as declarações postadas pelo Bispo possuem caráter simbólico e imediatista, visto que, ainda sobre o governo Bolsonaro e a alguns meses da posse do governo eleito, a liderança já apresentava IURD sinalizações para possíveis reaproximações com a esquerda.

¹⁵Edição 1595, 06 de novembro de 2022, página 03.

¹⁶Edição 1595, 06 de novembro de 2022, página 03.

¹⁷MACEDO, Edir. **PERDOE, BRASIL, PARA QUE SEJAS PERDOADO! Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará [...]**. 3 nov. 2022b. Instagram: @bispomacedo. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CkFR0Uroo9b/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading>.

Acesso em: 15 de jan. de 2024.

Nossa hipótese é que a recusa às declarações de Macedo por parte da mídia secular e da liderança do PT levaram a necessidade de regressão da tentativa de diálogo apresentada pelo Bispo. Por meio das redes sociais, a presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), Gleisi Hoffmann, dispensou o perdão e acusou o religioso de usar a igreja e seus meios de comunicação para disseminar mentiras sobre Lula e o PT¹⁸. A vista disso, Macedo defendeu-se não ser “vira-casaca”, sendo sua predileção por Bolsonaro de viés ideológico por não concordar com a filosofia de Lula. Por fim, a liderança da IURD concluiu dizendo orar por um bom governo do presidente eleito¹⁹.

Porém, sabe-se que a “Folha Universal foi responsável por disseminar acusações contra Lula e o PT, que culminou em série de ataques pessoais, chegando a se referir ao candidato como “ex-presidiário” e acusá-lo de ódio aos cristãos (1593²⁰). Naquele contexto, o argumento usado como justificativa para o posicionamento da IURD foi a suposta mágoa de Lula em não ser apoiado pelas igrejas evangélicas em sua tentativa de retorno ao poder, onde o petista foi duramente criticado por seu legado político sobre processos de corrupção e colocado de forma antagônica a moralidade e associado a um futuro maligno para o país.

Outro traço importante é o posicionamento do Republicanos sinalizado no jornal a pouco mais de um mês da vitória de Lula. Por meio de Marcos Pereira, que é presidente do partido e bispo licenciado da IURD, a legenda declarou seguir “independente”, isto é, não ser oposição ao mesmo tempo que decide não ingressar na base do governo. Diferente do movimento bolsonarista nas ruas, o Republicanos logo reconheceu a vitória de Lula e justificou sua colocação como benéfica ao próprio partido, pois possibilitaria um lugar de escolha de modo “livre” e “imparcial” (1601²¹).

Para um partido em ascensão como o Republicanos, o posicionamento pode ser traduzido como método para dialogar com o novo governo ao mesmo tempo que não rompe diretamente com seu perfil conservador, grande responsável pela capitalização de novos agentes a legenda, que aconteceu concomitante a crise da esquerda e ascensão da direita bolsonarista. A crescente de partidos de caráter religioso que eclodiu no país nas últimas campanhas eleitorais se consolidou da instrumentalização do cenário de dura polarização entre Lula e Bolsonaro, que com a estratégia de conjunção de forças discursivas como Deus e força punitiva, família e fé, moral e ética, arma e Bíblia, potencializaram uma base coesa de correligionários do político de extrema-direita (PESSOA, 2020, p. 120).

Essa tática foi responsável por fornecer base essencial para o crescimento de expoentes que protagonizaram a narrativa moral das eleições como forma combativa a um inimigo que se instalava sobre a política brasileira. No caso do Republicanos, o alinhamento à direita e o perfil adotado nas eleições de 2022 foi promissor e crucial pela elevação do número de cargos eleitos, com aproximadamente 37% em relação às eleições de 2018 – elegeu 41 deputados federais, 76 deputados estaduais, 2

¹⁸HOFFMANN, Gleisi. **Dispensamos o perdão de Edir Macedo. Ele é quem precisa pedir perdão a Deus pelas mentiras q propagou, a indução [...]**. 4 nov. 2022. Twitter: @gleisi. Disponível em: <https://x.com/gleisi/status/1588479301242191872?s=46>. Acesso em: 24 jun. 2023.

¹⁹MACEDO, Edir. **A CONSCIÊNCIA DA FÉ INTELIGENTE E PRÁTICA: SE O NOSSO CORAÇÃO NÃO NOS CONDENA, TEMOS A FÉ PURA(confiança)...** Amados, se [...]. 4 nov. 2022. Instagram: @bispomacedo. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CkjEWOegpyX/?igsh=MWF2NWtzcThtdHhkbw==>>. Acesso em: 15 de jan. de 2024.

²⁰Edição 1593, publicado em 23 de outubro de 2022, página 10.

²¹Edição 1602, publicada em 18 de dezembro de 2022, página 10.

senadores, 1 governador e 2 vice-governadores²² — e em números de filiações, com alta de 18%, acima de partidos tradicionais como o PL e o PT, as centrais e mais polarizadas nomenclaturas das eleições que receberam números próximos a 10%²³.

Portanto, dada a posição do jornal durante o pleito de 2022, nas quais houvesse uma construção argumentativa com fins de induzir o público leitor a direita política, a “independência” do Republicanos através da “Folha Universal” é uma tática adotada pelo periódico para demonstrar compatibilidade entre o posicionamento da IURD, que atuou contra à esquerda durante o período campanha eleitoral, com os possíveis rumos políticos da agremiação no momento pós-eleitoral. Além disto, por não assumir aparelhamento a nenhum dos lados políticos, o partido flexibiliza possibilidades de negociação com um governo de esquerda que tem a necessidade de aprovar pautas progressistas e com menos aderência entre os partidos de direita, sem que seja necessária mudanças significativas na sua autoimagem conservadora. Nesta ótica, naquele momento de intensa polarização após os resultados eleitorais, o semanário foi recorrido para legitimar o pragmatismo da IURD na política partidária mediante ao seu eleitorado religioso, que é fundamental para as próximas disputas políticas da instituição.

Isto porque apesar da discursiva moral ter sido central para o processo eleitoral e na promoção de políticos de direita, os dados demonstram que o exercício religioso na política partidária durante o governo Lula tem se mostrado flexível e atuado simbolicamente como representação do Governo. As tomadas de decisões da bancada evangélica, que tem grande peso do Republicanos, apresentam taxa de governismo próxima aos 60% nas votações na Câmara dos Deputados. Além disso, quando considerada a aderência individual por partido, dada a composição heterogênea e a diversidade de ramificações evangélicas coexistentes, o governismo do Republicanos é ainda maior, com cerca de 75% (ENGLER, PORTUGAL, ARAÚJO, 2024). Este quadro indica que a conduta política da legenda tem se mostrado distinta daquela promovida na campanha de Bolsonaro, pois o poder é determinante para ditar sua forma de atuação parlamentar.

Não obstante, apesar do debate partidário e a “imparcialidade” prescrita pela “Folha Universal”, o resultado eleitoral com mínima diferença, de aproximadamente dois pontos percentuais, foram representativos para a instituição persistir no alinhamento dos conteúdos dos jornais com o movimento bolsonarista, visto o grande destaque que as manifestações após as eleições receberam pela forte resistência em todo país na intensa mobilização antipetista/antilulista. Segundo Bello (2023), a crescente do bolsonarismo tem raiz no antipetismo e foi influenciado pela crise política brasileira que contribuiu para o enfraquecimento do dinamismo partidário entre o PT (Partido dos Trabalhadores) e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), fazendo com que os apoiadores deste último migrassem para a figura de Bolsonaro (PL), motivados pelas chances de derrota do PT. Desta forma, há algum tempo, o sentido da dicotomia política é baseada no sentimento positivo e negativo em relação

²² MOTA, M. Republicanos mantém crescimento nestas eleições e está entre as 10 maiores siglas. Disponível em: <<https://republicanos10.org.br/historia/republicanos-mantem-crescimento-nestas-eleicoes-e-esta-entre-as-10-maiores-siglas/>>. Acesso em: 20 jun. 2024

²³ LIMA, Samuel. PT e PL ganham mais 10% de filiados em 4 anos, mas ritmo fica abaixo de 8 partidos: veja ranking. **Estadão**, 14 dez. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/pt-e-pl-ganham-mais-10-de-filiados-em-4-anos-mas-ritmo-fica-abaixo-de-8-partidos-veja-ranking/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

ao PT. Nas últimas eleições, bem acentuado, esta foi uma argumentativa central que funcionou como pêndulo para esse movimento reacionário.

Para os setores religiosos, o grande legado da atuação de Bolsonaro foi conseguir eleger expressivo número de políticos simpatizantes com o movimento de direita como forma de representação da parcela descontenta da sociedade para fazer oposição ao governo eleito. De maneira combativa aos ideais políticos da esquerda representados por Lula e o PT, a composição do Senado e a Câmara serviram como vias para que a direita migrasse do executivo para o legislativo. No jornal, a forte Frente Parlamentar Evangélica, com maioria alinhada à direita e de perfil conservador, foi associada como forma de priorização de pautas como família, liberdade e os bons princípios, todas atreladas à moralidade supostamente acometida pelo governo do PT (1596²⁴).

Além disso, embora por vezes o jornal tenha argumentado em favor da democracia e da necessidade do Brasil enquanto nação, o tema da divisão ideológica passou a justificar a extrema polarização como consequência de dois eixos políticos na disputa pelo executivo. Embalado pelas temáticas centrais do processo eleitoral, o periódico continuou a demonstrar dois lados distintos de visões políticas. A esquerda, mal intencionada, almejava retomar ao poder para implementar pautas “esquerdistas” como a “ideologia de gênero” e apoiar a ditadura comunistas. Já a direita, com movimentos patriotas com valores bem definidos, funcionaria como combativa a esses ideais (1596²⁵, 1597²⁶, 1599²⁷ e 1602²⁸).

A ênfase nos conteúdos veiculados pela “Folha Universal” referentes à polarização política decorreu do clima beligerante após os resultados eleitorais e da intensa mobilização do movimento pró-bolsonaro, que pouco depois do enunciado da vitória de Lula, em 30 de outubro de 2022, protagonizou um cenário de ocupações das fachadas dos quartéis federais, onde se alegava irregularidades no processo eleitoral. Na tentativa de contrariar a vitória do petista, os atos bolsonaristas contaram com as redes sociais como elemento central para mobilização política, possibilitando a extrema direita levar às ruas expressivo número de manifestantes que aclamavam pelo golpe militar.

Conforme aponta o estudo etnográfico de Probst *et al.* (2023), este movimento mantinha como pretensão a retomada militar perante liderança de Bolsonaro e os atos partilhavam características que davam coesão a estes grupos, como a religião, a veneração dos poderes militares e aquilo que foi consagrado como “patriotismo”. Para além de um debate partidário, foram politizados diferentes temas a partir da tentativa de aniquilação do diferente e a narrativa predominante nas manifestações transitava entre o temor do que o governo Lula representaria ao futuro do Brasil e este sentimento tornou-se uma crença espiritual de guerra santa onde se necessitava combater o mal como um dever moral coletivo (Probst *et al.*; 2023, p.155).

Em consonância com a ocupação bolsonarista, a “Folha Universal” descreveu os protestos como representação do retrato de um país que não aceitava ser liderado por um político com acusação de crime de corrupção e as manifestações indicavam a relutância da população de direita que, junto ao Congresso majoritariamente conservador, aturaria como um “terceiro turno” para o governo eleito e a esquerda

²⁴Edição 1596, publicada em 13 de novembro de 2022, página 10.

²⁵Edição 1596, publicada em 13 de novembro de 2022, página 03.

²⁶Edição 1597, publicada em 20 de novembro de 2022, página 03.

²⁷Edição 1599, publicada em 04 de dezembro de 2022, página 10.

²⁸Edição 1602, publicada em 25 de dezembro de 2022, página 10.

(1596²⁹). Intitulada “o que os manifestantes buscam?” (1599³⁰), o periódico tratou de cobrir as chamadas “resistências civis”, que tinha como objetivo demonstrar indignação e atrair o olhar das autoridades através do bloqueio das ruas e acampamentos em frente aos quartéis militares. Como consequência, o ato teria resultado no grande protesto em Brasília, em 15 de novembro, dia do feriado de Proclamação da República. Na defesa da liberdade de expressão e com críticas ao Supremo Tribunal Federal (STF), ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), aos ministros da corte e ao comunismo, os bolsonaristas alegaram legitimidade constitucional para as manifestações.

No que se refere ao caráter informativo, a “Folha Universal” prezou por alertar quanto às formas de pedidos inconstitucionais e aduziu formas legítimas de protestos, bem como reforçou os direitos dos cidadãos, como o direito de ir e vir, ou aqueles que não apresentasse caráter nazistas, xenofóbico, racista, ou quaisquer atos de violência. Nesse mesmo sentido, para além de defender a constituição e advertir pedidos como a intervenção militar, o jornal validou a contestação das urnas eletrônicas e os pedidos de recontagem dos votos.

No contexto de reivindicações, o periódico pautou os motivos pelos quais se contrariava a vitória de Lula e do PT: um passado incompatível com o futuro democrático, a percepção de um processo eleitoral injusto e desequilibrado, partes neutras institucionais com lado político, além da ameaça da volta da censura no Brasil. Outrossim, defendia que o cenário de protestos realizou-se em consonância com as manifestações de 2013, que começaram ainda sobre o governo de Dilma e desembocou na indignação com a classe política e a corrupção. Por esses motivos, o movimento reivindicava transparência na gestão pública brasileira, contra os maus feitos dos três poderes uns sobre os outros e pelo fim da interferência do judiciário no processo político (1599³¹).

Na finalidade de contribuir discursivamente a respeito das entidades públicas, o jornal demonstrou a alegação do próprio Bolsonaro e do PL que contestavam as supostas inclinações do TSE sobre a esquerda política e a falha no processo eleitoral sobre indícios de fraude (1599³²). Além disso, o semanário traduziu o comportamento do ex-presidente do STF, Luís Roberto Barroso, como medo de ser confrontado e apontou a fragilidade do político ao tentar coibir questionamentos. Naquele contexto de suspeitas de irregularidades eleitorais e apelo dos manifestantes bolsonaristas pela investigação do vazamento do código fonte, a gíria usada pelo ministro, “perdeu mané”, foi simbolizada como confirmação das acusações da direita, sobretudo, a de enviesamento das instituições públicas à esquerda política. Para além de cobrar a conduta adequada da autoridade, em paridade com o discurso dos manifestantes, o periódico corroborou com a possibilidade de irregularidade nos resultados eleitorais, visto que, a tecnicidade do STF teria sido capaz de anular os processos de corrupção de Lula para elegê-lo (1598³³).

O discurso acerca dos ataques a entidades públicas por parte das manifestações pró-golpe militar foi uma tática persuadida pelo próprio político Bolsonaro que, no pleito eleitoral e mesmo durante seu mandato, articulou inúmeras

²⁹Edição 1596, publicada em 13 de novembro de 2022, página 03.

³⁰Edição 1599, publicada em 04 de dezembro de 2022, página 10.

³¹Edição 1599, publicada em 04 de dezembro de 2022, página 10.

³²Edição 1599, publicada em 04 de dezembro de 2022, página 10.

³³Edição 1598, publicada em 27 de novembro de 2022, página 03.

ameaças de forma pública ao STF (Supremo Tribunal Federal), ao TSE (Tribunal Supremo Eleitoral) e ao Congresso nacional, arrastando a opinião pública para assuntos veiculados a ataques contra a democracia. Chiodi, Bernardi (2023) apontam que o objetivo de Bolsonaro era mobilizar o discurso como ferramenta para criar um cenário de conflito incessante como forma de intimidação da ação do Governo Federal, onde a ameaça passou a ser instrumentalizada estrategicamente para induzir o comportamento de modo a influenciar na reação dos órgãos públicos.

Na “Folha Universal”, passou a ser atribuída a Lula a responsabilidade pela instabilidade originada no país, nas quais o político estaria contribuindo para acirrar diferenças entre grupos opositores, além de não prezar pela união democrática. Em pressuposições alarmistas, o jornal propagou a ideia de que junto às Forças Armadas, o presidente eleito, ao se apossar da presidência, conteria os protestos nos quartéis militares e nas ruas onde ainda se esperavam respostas convincentes do TSE aos questionamentos referentes aos resultados eleitorais (1602³⁴).

Lula também foi criticado por mudanças nas leis estatais e por cobrar das instituições religiosas apoio em relação à vacinação (1602³⁵). Neste último, ao rebater o ataque do presidente eleito em culpabilizar as igrejas pelas mortes motivadas por falta de imunização, a IURD alegou que, isentas de responsabilidades, ao invés de fechadas, as instituições religiosas poderiam ter sido recorridas como parceiras para a conscientização da população. No entanto, sabe-se que no contexto pandêmico, importantes agremiações religiosas disseminaram desinformação acerca da vacinação e não contribuíram com os métodos cientificamente comprovados para frear a pandemia da covid-19.

Como comprova Leite, Oliveira e Almendagna (2023, p. 15), durante a pandemia, o discurso negacionista se tornou parte da identidade iurdiana na disputa pelo poder político contra a esquerda e a mídia secular, elevando-se a uma guerra de dimensão espiritual, onde a hidroxicloroquina foi concebida como milagrosa, criando-se um forte apelo pelo uso medicamento. Foram fomentadas críticas ao isolamento social e a preocupação com a vida e o sofrimento deram espaço à defesa da economia. Assim, o discurso propagado pela Universal fez-se em paridade com o então presidente Jair Bolsonaro, que como líder executivo, foi responsável pela não efetiva imunização da população.

Posto isso, embora a reação de Macedo aos resultados eleitorais seja a de clamar pelo perdão, ataques contra a esquerda continuaram a aparecer no jornal, similarmente a gestão bolsonarista. No contexto das manifestações e o forte antipetismo que se instaurou nos movimentos contrários aos resultados eleitorais, o jornal perseverou na narrativa de demonstrar a ideologia da esquerda como forma ilusionista de política. Para afirmar os pressupostos efeitos e arrependimentos no cenário internacional, a “Folha Universal” apresentou um panorama da satisfação política estadunidense e mesmo antes da posse do governo eleito, continuou a demonizar Lula, o PT e a esquerda e sacralizar a direita política (1597³⁶).

Sob o cenário de críticas, a mídia secular também foi alvo de acusações e apontada por outrora ter feito papel de cabo eleitoral e propagar o discurso de Lula. Supostamente de “viés esquerdista”, a imprensa teria se arrependido da “insanidade” que praticou a favor do político. Canais jornalísticos como a Globo, o Estadão, o UOL

³⁴Edição 1602, publicada em 25 de dezembro de 2022, página 10.

³⁵Edição 1602, publicada em 25 de dezembro de 2022, página 10.

³⁶Edição 1597, publicada em 20 de novembro de 2022, página 03.

e a CNN, que teriam passado meses de campanha eleitoral propagando o plano de governo do petista, a vista de possíveis instabilidade na área econômica, estariam fingindo desconhecimento das verdadeiras intenções do político. No entanto, para a “Folha Universal”, Lula e o PT nunca foram novidades, visto a culpabilidade pelo maior escândalo de corrupção do país (1599³⁷ 1602³⁸).

De longa data, a relação entre a mídia secular com a IURD é rodeada por conflitos, visto a guerra comercial em disputa pelo poder (MARIANO, 2014). Para expandir seu crescimento, a Universal instrumentaliza a concessão de meios de comunicação como recurso pela qual se coloca em um processo de embate com outras forças midiáticas. Segundo Camurça (2020, p. 43), a grande imprensa teria advertência de que a IURD mobilizaria recursos políticos para materializar seu interesse expansionista. Como um mecanismo de disputa, a forma pela qual a IURD constrói sua autoimagem se faz em antagonismo a forças sociais que são tidas como hegemônicas da sociedade como a imprensa secular, o catolicismo e, por vezes, a esquerda.

Na lógica de confrontação com outros atores sociais, Burity (2018) salienta que a minoritização é um recurso simbólico acionado no contraste com a hegemonia e que na busca por “equiparação” com as forças tidas como dominantes, este mecanismo opera como forma de rebelar-se e fazer oposição ao monopólio dos meios de comunicação tidos como formador da opinião pública. Posto isso, a grande narrativa empregada pela IURD e a constante necessidade de se colocar antagônica à imprensa são parte de um jogo de interesses pelo qual se reivindica poder.

Em função da transição governamental e da posse presidencial, persistiu-se o cenário de protestos políticos, levando a IURD a regrar-se por diferente via do bolsonarismo. Apesar da “Folha Universal” ter feito a cobertura das manifestações pareadas à sua própria posição política, por ser uma instituição que visa a concessão de demandas institucionais, suas ações costumam prezar pela boa relação com o governo federal e serem pautadas na constituição. Por isso, embora a IURD tenha apoiado Bolsonaro, que discursivamente incentivou a desmoralização dos poderes nacionais, principalmente o Superior Tribunal Federal (STF), a invasão de Brasília, em 8 de janeiro, estabeleceu nos jornais a necessidade de instruir racionalmente as reivindicações políticas, além de recorrer à confiança em Deus. Lia-se: “Quando usamos nossa fé, Ele nos mostra uma saída para o problema, (...) você pode estar vendo o contrário do que gostaria, pode estar ouvindo as piores notícias, mas a sua fé o mantém tranquilo e confiante de que Deus vê todas as coisas” (1605³⁹).

Reconhecida por seu teor extremista, o ato de vandalismo de 8 de janeiro foi o ápice da longa mobilização política da direita e resultou na invasão e depredação de importantes instituições públicas brasileiras – Congresso Nacional, o Superior Tribunal Federal e o Palácio do Planalto. Por meio da propagação de mensagens que reivindicavam o golpe militar, grupos de diferentes localidades do país desembarcaram em Brasília para contestar os resultados das eleições. Por se tratar

³⁷Edição 1599, publicada em 04 de dezembro de 2022, página 03.

³⁸Edição 1602, publicada em 25 de dezembro de 2022, página 03.

³⁹Edição 1605, publicada em 15 de janeiro de 2023, página 03.

de um atentado contra a constituição, o conflito levou ao decretamento de intervenção federal como medida para conter os bolsonaristas em detrimento da ordem pública⁴⁰.

Logo, apesar ter atuado de modo incessante na narrativa de divisão política e na propagação do antipetismo no período pós eleitoral, a posição adotada pela IURD ao cenário de manifestações em Brasília foi a de acatar por uma política “pacífica”, “racional” e “inteligente” (1605⁴¹). Ainda que a “Folha Universal” tenha reforçando o ideário de segregação política e contribuído com a produção de argumentos essenciais da direita, por se tratar de uma instituição pragmática, a IURD tende a ser estratégica quantos suas ações e nesse sentido, tende a portar dentro dos limites impostos pela constituição federal.

4. Considerações finais

Devido ao forte protagonismo da direita política e a expansão de diversos atores provenientes de uma nova onda de atuação pautada no conservadorismo, as eleições presidenciais de 2022 representaram um marco em relação à conduta da IURD. A instituição que, desde 1989 com apoio a Fernando Collor, jogou taticamente com campanhas políticas de forte probabilidade elegível, usando de pesquisas eleitorais e do populismo para nortear seus alinhamentos, viu no pós-eleitoral a necessidade de dialogar com um governo no qual se opôs durante a eleição.

Diante da atuação que a mídia iurdiana traçou contra o comunismo, a “ideologia de gênero”, a legalização das drogas, o feminismo e todo aparato “imoral” associado a representação do governo Lula e do Partido dos Trabalhadores (PT), a IURD e o Republicanos adotaram perfil de direita política com comportamento pautado na moralização estritamente alinhado a Jair Bolsonaro, fazendo alterações significativas no dinamismo político da agremiação com a esquerda.

A análise nos mostra que se estabeleceu uma disparidade entre os conteúdos da “Folha Universal” e a tentativa de reaproximação com a esquerda através de declarações da liderança da IURD e do Republicanos em outras esferas sociais. Ao que parece, dado o histórico do comportamento da agremiação de basear-se a partir de estatísticas, a tímida aproximação com o governo eleito pode estar relacionada com a forte polarização política, tema no qual o jornal se assentou nesse período pós-eleitoral. Além disso, o cenário de ascensão da extrema direita em escala mundial (BURITY, 2018) e a reconfiguração da política regional influenciam diretamente na atuação de agentes que visam disputas políticas futuras.

A razão disto é que embora a derrota de Jair Bolsonaro para o executivo, as eleições foram exitosas para políticos simpatizantes com a extrema direita, nas quais muitos se aparelharam ao perfil religioso. A diferença de aproximadamente dois pontos percentuais é simbolicamente representativa para a IURD que, desde 2018, motivada pelo cenário nacional, com mais afinco do que em eleições anteriores, instrumentalizou a identidade religiosa como a principal ferramenta política para eleger representantes ligados à agremiação.

Mesmo que discursivamente a posição do jornal foi a de alinhar às manifestações de recusa ao resultado eleitoral, contribuir com críticas às entidades

⁴⁰Ver mais em: <https://www.estadao.com.br/amp/politica/8-janeiro-mes-ataques-golpistas-invasao-brasilia-o-que-se-sabe/>. Acesso em: 06 de ago. de 2024.

⁴¹Edição 1605, publicada em 15 de janeiro de 2023, página 03.

públicas e atribui a Lula, ao PT e a esquerda a culpabilização pelo cenário polarizado da política nacional, os feitos de Macedo e da cúpula iurdiana, sobretudo a aderência do Republicanos ao governo, podem representar sinalizações para possíveis realinhamentos à esquerda nas próximas disputas políticas. No entanto, com mais cautela do que em cenários onde Lula tinha forte aceitação popular, a aprovação ou rejeição do governo se torna a chave para a clivagem da IURD aos diferentes lados políticos.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo. Players evangélicos na crise brasileira (2013 - 2018). In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 217-236.
- ALMENDAGNA, Isadora; OLIVEIRA, Fabrício R. C.; LEITE, Deivit H. da S. O Comunismo, a Esquerda e a Família na Folha Universal no ano eleitoral de 2022. **Sacrilegens**, v. 20, n. 1, 2023. DOI: 10.34019/2237-6151.2023.v20.40767. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/40767/26273>. Acesso em 14 jan. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELLO, André. Polarização política dinâmica: evidências do Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, SP, v. 29, n. 1, p. 42–68, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8673350>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder?. In: R. Almeida; R. Toniol (orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas: Editora Unicamp, 2018.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Bolsonaro – mito político ou líder carismático? In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 351-369.
- CAMPOS, Roberta B. C.; VIANA, Maria Fernanda V. B. A PRESENÇA PÚBLICA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NOS GOVERNOS PETISTAS (2003-2016). **Debates do NER**, [S. l.], v. 23, n. 43, p. 283–331, 2023. DOI: 10.22456/1982-8136.133570. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/133570>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- CARRANZA, Brenda. Evangélicos: o novo ator político. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 171-192.
- CAMURÇA, Marcelo. Igreja Universal do Reino de Deus: entre o “plano de poder” e a lógica de minoria perseguida. **Religião & Sociedade**, v. 40, p. 43-66, 2020. DOI: 10.1590/0100-85872020v40n1cap02. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/5LQvKF6pbYBTZhrjx5Gcr/?lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2022.
- CERQUEIRA, Claudia. Igreja como partido: a relação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e o Republicanos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, n. 107, p. 1-20, 2021. DOI: 10.1590/3610703/2021. Disponível em:

-
- <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YWZWKnDk6LwvPpbSZ3PRnVQ>. Acesso em: 01 jun. 2022.
- CHIODI, Alexsander Dugno, BERNARDI, Ana Julia B. A ameaça antidemocrática como instrumento de barganha no governo Jair Bolsonaro (2019 2021). *Revista Uruguaya de Ciencia Política, [S. l.]*, v. 32, n. 1, p. 129–150, 2023. DOI: 10.26851/RUCP.32.1.6. Disponível em: <https://rucp.cienciassociales.edu.uy/index.php/rucp/article/view/574>. Acesso em: 13 jun. 2024.
- CUNHA, Christina Vital D. Retórica da perda e os Aliados dos Evangélicos na política brasileira. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 237-256.
- ENGLER, IG da F.; PORTUGAL, L.; ARAUJO, LB A bancada evangélica eleita para a Câmara dos Deputados em 2022: uma análise da atividade religiosa, da atividade econômica/empresarial e da carreira política. **REVES - Revista Relações Sociais, [S. l.]**, v. 7, n. 1, p. 19054, 2024. DOI: 10.18540/revesv7iss1pp19054. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/19054>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- FRAGA, E. B. **Não entre em pânico: usos políticos do pânico moral e seus impactos**. Disponível em: <<https://casaditaliajf.com.br/2022/09/23/revista-casaditalia-nao-entre-em-panico-usos-politicos-do-panico-moral-e-seus-impactos/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.
- LEITE, D. H. da S.; OLIVEIRA, F. R. C.; ALMENDAGNA, I. Religion and the Pandemic: the use of hydroxychloroquine and the closure of religious temples from the perspective of Folha Universal. **REVES - Revista Relações Sociais, [S. l.]**, v. 6, n. 2, p. 15680–01e, 2023. DOI: 10.18540/revesv6iss2pp15680-01e. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/15680>. Acesso em: 4 mar. 2024.
- FRESTON, Paul. Bolsonaro, o populismo, os evangélicos e América Latina In: PÉREZ GUADALUPE. José Luis; CARRANZA, Brenda (orgs.). Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, pp.371-391, 2020
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- JARDIM, Wilhelm M. Andrade. **RELIGIÃO E POLÍTICA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: um estudo das campanhas eleitorais de 2010 e 2014**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.
- LACERDA, Fábio. Performances eleitorais dos evangélicos no Brasil. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 257-270.
- LACERDA, Fabio. Como o crescimento evangélico se transforma em representação política? Comparando Brasil, Colômbia e Chile. **Novos estudos CEBRAP**, v. 41, p. 295-313, 2022. DOI: 10.25091/S01013300202200020006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/Yqfd5p3bhR3b7TMdKW3RWZN/?lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2024
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MARTINS, Caio. C. N. O diabo não é tão feio quanto pintam: alianças e rupturas da IURD com a esquerda brasileira. **Ets Humanitas – Revista de Ciências**

-
- Humanas**, Curitiba, n.2, v.2, p.133-166, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.11238477. Disponível em: <https://zenodo.org/records/11238477>. Acesso em: 6 jun. 2024.
- NÓBREGA, A. **Por que “ideologia de gênero” é um termo nocivo?** -eCycle, 29 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/ideologia-de-genero/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.
- OLIVEIRA, Fabrício R. C. MARTINS, Caio C. N. O discurso eleitoral da Igreja Universal do Reino de Deus e a ascensão de Bolsonaro. **Plural**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 237-258, 2021. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcco.2021.176735. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770076010/649770076010.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2024.
- OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; JUNIOR, Paulo Graciano. A máquina universal: uma análise da mobilização do discurso moral na Folha Universal nas eleições de 2022. **Religião & Sociedade**, v. 43, n. 1, p. 99-124, 2023. DOI: 10.1590/0100-85872023v43n1cap04. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/6nPvTjXRYFzHlG9dLnLtwSb/?lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- ORO, A. P. (2003). A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 18, n. 53. 2003. DOI: 10.1590/S0102-69092003000300004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/n7JKdMPyTKH7yBBFSgr6PhP/?lang=pt>. Acesso em 12 dez. 2023.
- PAULA, T. F. de. A Eleição entre o bem e o mal: uma análise comparada dos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus e de Jair Bolsonaro sobre a moralidade pública nas eleições de 2018. **Sacrilegens**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2022. DOI: 10.34019/2237-6151.2022.v19.37777. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/37777>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- PESSOA, J. B. A ERA RELIGIOSA-POLÍTICA DE BOLSONARO E OS PENTECOSTAIS NO BRASIL. **Brazilian Journal of Policy and Development**, v. 2, n. 2, p. 109–127, 2020. DOI: 10.52367/BRJPD.2675-102X.2020.2.2.109-127. Disponível em: <https://bio10publicacao.com.br/brjpd/article/view/259>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- PRANDI, R.; SANTOS, R. W. DOS; BONATO, M. Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. **Revista USP**, n. 120, p. 43–60, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i120p43-60 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155530/151188>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- PROBST, Amanda et al. **O cotidiano de famílias bolsonaristas**: tramas afetivas em frente ao quartel de Blumenau/SC. In: SAWAIA, Bader; ALBUQUERQUE, Renan; BUSARELLO, Flávia (Orgs). Afeto e autoritarismo: expressões psicossociais da política brasileira. Taubaté, SP: Ed. Letra Selvagem, 2023. p. 137 –157.
- SANT’ANNA, Francisco Cláudio Corrêa Meyer. **Media de Source**: un nouvel acteur sur la scène journalistique brésilienne – Un regard sur l’action médiatique du Sénat Fédéral du Brésil. 2008. 582 p. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação). Groupe interparlementaire d’amitié, Rennes 1, 2008.

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Os pentecostais: entre a fé e a política. **Revista Brasileira de História**, v. 22, p. 85-105, 2002. DOI: 10.1590/S0102-01882002000100006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/sj7KKXtNzFzJMDc6ZDZk9DN/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2023.

APÊNDICE

QUADRO 1- NOTÍCIAS POLÍTICAS PUBLICADAS NA “FOLHA UNIVERSAL NO PERÍODO DE NOVEMBRO A JANEIRO DE 2022 (PÓS-ELEITORAL)

Edição	Data de publicação	Título do editorial / ponto de vista (página 03)	Temática	Outras seções	Temática
1595	06/11/2022 a 12/11/2022	“Perplexos, mas não desanimados”	Os resultados eleitorais e a verdadeira identidade ideológica político-partidária da esquerda	Capa (pág. 16) – “A inegável força e poder do evangelho”	A perseguição cristã e o trabalho social do evangelho
1596	13/11/2022 a 18/11/2022	“A dois Brasis”	Polarização política após as eleições presidenciais e a ideologia esquerdista para o Brasil.	Panorama (pág. 10) – “O novo congresso brasileiro”	A composição do novo congresso brasileiro e a a frente parlamentar conservadora
1597	20/11/2022 a 26/11/2022	“O arrependimento americano com a esquerda”	Panorama do cenário internacional de polarização ideológica e o arrependimento com a esquerda política.	Ausência de Tema relacionado às eleições	
1598	27/11/2022 a 03/12/2022	“Perdeu, mané!”	Conduta do ministro Luís Roberto Barroso e a imparcialidade do STF em meio a especulações de fraudes eleitorais.	Ausência de Tema relacionado às eleições	
1599	04/12/2022 a 10/12/2022	“Seria o fim da lua de mel da imprensa com Lula?”	Críticas da imprensa as propostas econômicas de Lula	Panorama (pág. 10) – “O que os manifestantes buscam?”	Insatisfação popular com o Governo Lula e a imparcialidade do judiciário.
1600	11/12/2022 a 17/12/2022	Ausência de Tema relacionado às eleições		Ausência de Tema relacionado às eleições	

1601	18/12/2022 a 24/12/2022	Ausência de Tema relacionado às eleições		Panorama (pág. 10) – “Politicamente independente”	O posicionamento de “independente” do Republicanos na busca pelo melhor para o país frente ao governo Lula.
1602	25/12/2022 a 31/12/2022	‘Se arrependimento matasse...’	O arrependimento da mídia esquerdista de ter feito papel de cabo eleitoral para Lula diante dos rumores sobre a política econômica do político.	Panorama (pág. 10) – “Divisão: origem da instabilidade de um país”	Divergências políticas; crítica ao presidente Lula que não prezaria pela união democrática
1603	01/01/2023 a 07/01/2023	Ausência de Tema relacionado às eleições		Ausência de Tema relacionado às eleições	
1604	08/01/2023 a 14/01/2023	Ausência de Tema relacionado às eleições		Ausência de Tema relacionado às eleições	
1605	15/01/2023 a 21/01/2023	“A política inteligente”	A divisão política do Brasil e a necessidade de racionalidade para uma política inteligente e com espaço para as escolhas de Deus e o Evangelho	Panorama (pág. 10) - “Do ‘jeitinho brasileiro”	O jeito brasileiro de tirar vantagens e contribuir para a perpetuação da corrupção, a descriminalização das instituições políticas e a descrença da seriedade do trabalho político
1606	22/02/2023 a 28/02/2023	Ausência de Tema relacionado às eleições		Ausência de Tema relacionado às eleições	
1607	29/01/2023 a 04/02/2023	Ausência de Tema relacionado às eleições		Capa (pág. 10) – “O poder devastador da língua”	O poder da língua enquanto habilidade humana e o artifício político de mentir e enganar através dela

Fonte: os autores, 2024.